

Os credores respondem ao Brasil: querem receber US\$ 3,1 bilhões já.

A contraproposta dos bancos credores ao projeto brasileiro de renegociação da dívida externa já foi apresentada, segundo uma qualificada fonte ligada a um banco inglês no País. Ela abrange os juros atrasados de 89 e 90 e se estendendo até o primeiro trimestre de 91. Mas nem toca nas duas questões mais enfatizadas pelas autoridades brasileiras — a securitização da dívida (ou seja, a troca dos títulos por papéis de longo prazo, até 45 anos) e o compromisso de só efetuar pagamentos, nos próximos anos, com base no superávit fiscal.

Os atrasados de 89 até 31/12/90, supondo que o Brasil não venha a pagar nada no último bimestre, atingiriam US\$ 9,3 bilhões. Os bancos querem receber 1/3, ou seja, US\$ 3,1 bilhões, e refinanciar os outros US\$ 6,3 bilhões em cinco anos, mediante a emissão de bônus, com juros iguais à **libor** (taxa interbancária de Londres) mais 1% ao ano. Metade dos juros do primeiro trimestre de 91 seriam pagos e outra metade seria refinanciada como os 2/3 de juros atrasados de 89 e 90 — ou seja, em 5 anos com **libor** mais 1% de juros.

Em Nova York, onde participa da reunião com o comitê de bancos credores, o negociador da dívida externa, embaixador Jório Dauster, evitou uma resposta conclusiva e manifestou confiança no andamento das negociações. “As perspectivas de progresso existem desde o primeiro

dia”, afirmou Dauster, como informa o correspondente **Paulo Sotero**. “Só há um caminho, para cima, e isto não se altera com o que foi ouvido ontem nem com o que pode ser dito hoje”, explicou o embaixador à entrada de uma rodada de negociações.

A proposta apresentada pelos credores deixa claro que o pagamento dos atrasados é considerada um aspecto prioritário da negociação. Mesmo assim, a oferta um esquema de capitalização de dois terços do montante se aproxima da orientação definida na proposta do governo brasileiro.

A contraproposta situa-se, segundo um alto executivo brasileiro, no extremo oposto da proposta brasileira. Se o projeto do Brasil era inaceitável para os bancos, estes respondem com uma sugestão muito distante da desejada pelo Brasil. Sua principal característica é que ela atende os bancos com pior situação atual — como alguns norteamericanos e japoneses, que tiveram grandes perdas com a queda nos mercados acionários e prejuízos com operações imobiliárias. Quanto aos demais, porém, estariam se afastando do Brasil: o Banque Nationale de Paris já não teria ido às reuniões de Nova York, e o mesmo caminho poderia ser adotado por um banco alemão, confirmando que os bancos europeus já fizeram reservas para os créditos com o Brasil e não têm maior pressa numa solução.